



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Estadão

Data: 13/03/2019

Caderno/Link: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/a-forca-da-mulher-do-campo-um-exemplo-a-seguir/>

Assunto: A força da mulher do campo: um exemplo a seguir

A força da mulher do campo: um exemplo a seguir

Guilherme Vianna*

13 de março de 2019 | 04h00



Guilherme Vianna. FOTO: DIVULGAÇÃO

Quando falamos em agronegócio, seja qual for a atividade específica, muitos o associam a trabalho árduo, hercúleo, cansativo e que requer pessoas que suportem o “tranco” – na maioria das vezes, homens, reconhecidos historicamente pela virilidade e alta resistência.

Até um passado recente, essa forma de pensar era absolutamente comum e aceitável. Porém, a realidade atual é completamente diferente e o conceito acima está ultrapassado e arcaico. Na verdade, nem sentido faz!

Atualmente, as mulheres ocupam cargos de liderança em propriedades rurais, entidades de classe e empresas dos vários elos da cadeia da produção de alimentos. Esse cenário é comprovado com pesquisas e estudos realizados, como a 7.^a Pesquisa Hábitos do Produtor Rural, iniciativa da Associação Brasileira de Marketing Rural e Agronegócio (ABMRA) e consultoria Informa FNP, que mostra que uma em cada três propriedades rurais do Brasil possui mulheres em sua equipe de gestão, com poder decisório. Além disso, a pesquisa apurou que 81% dos entrevistados consideraram a mulher de importância vital e muito relevante no campo.



Numa atividade cada vez mais complexa e competitiva, na qual as modernas tecnologias ganham cada vez mais espaço nas propriedades rurais, informações consistentes e conhecimento técnico fazem-se extremamente necessários para obter a tão desejada alta produtividade e rentabilidade.

Em qualquer profissão, o estudo e a formação intelectual contribuem favoravelmente para a correta tomada de decisão na carreira de qualquer profissional. E isso não é diferente no campo. É necessário ter o conhecimento preciso sobre tudo o que envolve a produção de alimentos. As mulheres, nesse campo, destacam-se cada vez mais.

Levantamento nacional encomendado pela Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) em 2017 e realizado pelo Instituto Ipeso, constatou que o perfil das mulheres que atuam no agronegócio brasileiro é de alta escolaridade (60% possuem curso superior) e 88% têm independência financeira. Esses dados refletem claramente que as mulheres vêm obtendo sucesso em suas funções no campo, sendo o elevado índice de independência financeira um reflexo desse processo.

Além disso, em 2015, metade dos 243 alunos formados na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da USP, já era do sexo feminino. Esse percentual aumenta ano após ano. Outra pesquisa, da Comissão Sobre a Situação da Mulher (CSW), da Organização das Nações Unidas (ONU), revelou que as mulheres representam 43% dos 1,3 bilhão de pequenos agricultores do mundo inteiro. Importante destacar que a presença feminina é bastante diversificada: tanto fora quanto dentro da porteira.

Apesar do grande espaço já conquistado pelas mulheres, ainda há desafios pelo caminho. Apesar de números otimistas, que revelam tendência da presença feminina no campo, certas resistências ainda persistem. Pesquisa realizada entre o fim de 2015 e abril de 2016 pelo Instituto Fran6, em parceria com a ABAG e PwC, em todas as regiões do país, mostrou que 67% das mulheres do agro ainda não sentem que o espaço oferecido a elas é igual ao dos homens. O levantamento também concluiu que 71% das mulheres entrevistadas já tiveram algum tipo de conflito no trabalho.

É importante destacar, também, o apoio oficial a essa causa. Atualmente, o Brasil conta com um departamento específico para atender às demandas das mulheres do campo, a Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais (DPMR). O órgão tem como objetivo estimular a criação de projetos que visem fomentar o acesso das mulheres rurais e suas organizações produtivas à documentação civil e jurídica por meio de repasse de recursos aos estados. Diversas ações propostas visam fortalecer e consolidar as organizações produtivas de mulheres rurais e suas articulações com os governos estaduais, além de expandir o alcance de políticas públicas para as mulheres atuantes no segmento rural.

Numa época em que inúmeros movimentos feministas ganham dimensões pelo globo, ecoando por mais voz, igualdade de direitos, respeito e outras tantas reivindicações, é nossa responsabilidade apoiar a maior inserção das mulheres no mercado de trabalho. Capacidade e competência têm de sobra.

***Guilherme Vianna é gerente de negócios da Belgo Bekaert Arames**

